

**O CONTESTADO:
A PRÁTICA EDUCATIVA DE
UM MOVIMENTO SOCIAL**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA EM PAPEL RECICLATO 75% PRÉ-CONSUMO, 25 % PÓS-CONSUMO, A PARTIR DE IMPRESSÕES E TIRAGENS SUSTENTÁVEIS. CUMPRIMOS NOSSO PAPEL NA EDUCAÇÃO E NA PREVERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

GERALDO ANTÔNIO DA ROSA

**O CONTESTADO:
A PRÁTICA EDUCATIVA DE
UM MOVIMENTO SOCIAL**

MERCADO[®]
LETRAS

catalogação

Mercado de Letras

*Para Ana Jacira Fossatti (esposa); Jéssica Paloma
Alves da Rosa, Jair Fossatti Júnior, Kimberly Alves
da Rosa e Caroline Fossatti Maia (meus filhos);
Rafael Maia (genro).*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade do Planalto Catarinense e a Universidade do Contestado, pela acolhida e profissionalismo.

Agradeço ao orientador, Dr. Alceu Ravello Ferraro, pelo diálogo, crítica, exemplo de coerência profissional, orientação na pesquisa e amizade.

Agradeço à professora Dr^a. Maria de Lourdes Pinto de Almeida, pelo apoio e postura profissional.

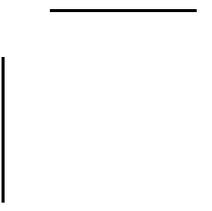
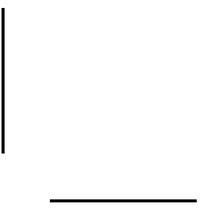
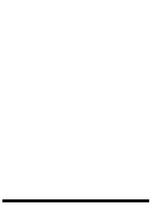
Agradeço a meu pai Antônio N. da Rosa (in memoriam) e minha mãe (in memoriam) Irma Ghizoni da Rosa, pela vida.

Agradeço às minhas irmãs Marita de Fátima, Marilda Aparecida, Margareth Paulina e Marilene, pelo estímulo.

Agradeço aos colegas e irmãos de militância, Aldo Dolberth, Debora Aparecida de Almeida, Katia Socha de Melo, Silse Teixeira Lemos e Marilene Salvadori Carvalho, pela fidelidade e espírito de luta.

Não há fronteiras nesta luta de morte, nem vamos permanecer indiferentes perante o que acontece em qualquer parte do mundo. A vitória nossa ou a derrota de qualquer nação do mundo, é a derrota de todos.

Hasta la vitória, siempre!
Che Guevara



SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
<i>Maria de Lourdes Pinto de Almeida</i>	
APRESENTAÇÃO	15
capítulo 1	
O CONTESTADO A PARTIR DA ÓTICA DE UM MOVIMENTO SOCIAL	27
<i>O papel educativo do movimento social do Contestado</i>	30
<i>Messianismo e conflito social no sertão do contestado</i>	36
<i>João Maria de Agostini</i>	41
<i>João Maria de Jesus</i>	42
<i>José Maria</i>	46
<i>Catolicismo erudito, religião rústica e messianismo</i>	56
<i>Conceito Weberiano de carisma</i>	60
<i>O Camponês no Contestado</i>	66
<i>Teologia da libertação e educação libertadora</i>	73

capítulo 2	
A GUERRA DO CONTESTADO: PANORAMA HISTÓRICO	81
<i>A região palco de inúmeros episódios</i>	81
<i>Questão Geopolítica em Santa Catarina</i>	83
<i>O homem do contestado</i>	86
<i>O capitalismo internacional no sertão do Contestado</i>	95
<i>A guerra do Contestado</i>	101
capítulo 3	
O SUMIÇO DA PLACA: UM NOVO LANCE	
NA GUERRA DO CONTESTADO	123
<i>A educação instituída na região</i>	123
<i>A placa: um atentado à história oficial</i>	132
<i>A história oficial – um instrumento da educação social</i>	142
<i>O contestado na visão dos idealizadores do projeto de resgate histórico</i>	156
capítulo 4	
O CONTESTADO NOS CURRÍCULOS ESCOLARES	177
<i>Concepções de currículo que permeiam a educação formal e social do homem do contestado</i>	177
<i>Currículo oculto e as relações de poder no Contestado</i>	188
<i>Currículo e educação no movimento social do Contestado</i>	191
<i>O Contestado nos currículos escolares</i>	196
<i>O Contestado a partir da coleta de dados junto aos calouros dos Cursos de Graduação da Universidade do Contestado – 2007</i>	199
<i>O Contestado e a história regional nos currículos da educação básica – Uma visão de professores</i>	215
CONSIDERAÇÕES FINAIS	227
REFERÊNCIAS	239

PREFÁCIO

(...) não parte dos fatos, mas dos materiais históricos, das fontes, no sentido mais extenso deste termo, com a ajuda dos quais constrói o que chamamos de fatos históricos. Constrói-as na medida em que seleciona os materiais disponíveis em função de certo critério de valor, como na medida em que os articula, conferindo-lhes a forma de acontecimentos históricos. Assim, a despeito das aparências e das convicções correntes, os fatos históricos não são um ponto de partida, mas um resultado. (Shaff 1994, p. 307)

Neste início de século XXI podemos afirmar com convicção que, sabemos muito sobre a natureza e os limites da administração pública, assim como sobre as relações complexas do sistema político e a cultura do país, muito mais do que na História da Educação dos séculos anteriores. O resultado desta *sabedoria*, no entanto, não tem sido a melhoria da capacidade governamental em formular políticas públicas e levá-las a cabo, no auxílio a diminuição da desigualdade social, mas sim, um aumento de ceticismo a respeito do que se possa ser feito; ceticismo reforçado pelas experiências frustrantes das gestões políticas brasileiras.

A história enquanto ciência mostra como um produto de seu tempo, das forças sociais que disputam a hegemonia. Basta ver, como a concepção de história de Santo Agostinho é filha de seu tempo. Ali tudo parece se coadunar com o domínio católico e com a manutenção das novas relações de produção feudal. Os males da cidade dos homens só seriam suprimidos frente o advento da cidade de Deus, da qual a Igreja seria a porta voz. Do mesmo modo, pode se falar de Voltaire. Esse “iluminista” procurou fundamentar a história de modo a fazer dela uma ciência em consonância com os novos tempos, ou seja, com a emancipação da burguesia. Como vimos, o próprio materialismo histórico é um saber ligado às condições materiais de seu tempo, tanto no que concerne à metodologia quanto em suas concepções gnosiológicas e ontológicas. O mesmo juízo se aplica aos historiadores pós-modernos.

Nesse sentido as informações precisas e atualizadas são fundamentais para a acumulação do capital. O saber é uma mercadoria.

Neste contexto histórico atual, se faz mister, afirmar que há uma necessidade de ficarmos atentos a um dos efeitos ardiloso da crise generalizada que atingiu as ciências humanas no final da década de 1990 e virada de novo milênio, que foi o de trazer o fenômeno caracterizado como *a volta do sujeito*, implícitos neste fenômeno aparentemente normal e sem maiores implicações existem equívocos que podem representar uma total desorientação teórica e metodológica. Esta volta do sujeito pode levar desde a consideração dos sujeitos enquanto *sujeitos históricos da ação coletiva*, até a subjetivação do sujeito, ou *ao retorno do personagem da história narrativa* ou dos protagonistas individuais da história oficial ou do ator tendo a história como simples cenário.

Considerando que estamos tratando de modo de produção capitalista, portanto, da sociedade burguesa, a ordem social se define pelo antagonismo entre capital e trabalho representado pelas classes sociais constituídas por esse embate: de um lado as classes dominantes e de outro as classes subalternas.

É neste cenário da História da Educação que se faz mister resgatar pesquisas em História Regional, não em uma perspectiva estática e linear de fatos descontextualizados, isolados da realidade

econômica que nos cerca, mas sim inseridos em um contexto de desigualdade social, injustiças sociais e estudados em uma dinâmica dialética, resgatando a história do excluído do modo de produção. Trazer a tona a História não contada da região pelos documentos oficiais somente, esse é desafio do historiador da educação comprometido com o materialismo histórico.

Se a sociedade capitalista se define pelas contradições que desenvolvem isso significa que a sociedade é dinâmica e inacabada. A sociedade burguesa é, portanto, mais um estágio nesse processo histórico da constituição da sociedade e está sujeita a ser superada.

Para Marx somente a luta de classe revela a existência desse movimento. Essa é que permite a mudança das condições materiais, modificando e criando novas relações sociais. O processo de luta se dá no âmbito da organização social da produção capitalista, pois é nesse momento que se contrapõem dominantes e dominados.

Do confronto de onde surgem os interesses antagônicos e recíprocos a que se pensa como se dá a produção das relações capitalistas ao mesmo tempo em que se busca sua superação.

As condições materiais mudam a partir da luta de classes que implica na mudança das relações entre os indivíduos e suas posições sociais. Estas se determinam na organização da produção e aquela sofrerá transformações somente na mudança desta última.

Para Marx a possibilidade de mudança de transformação de superestrutura jurídica e política só podem ocorrer de forma real a partir das transformações da base econômica, ou seja, na mudança de posições sociais geradas pelo antagonismo de classes, somente assim a consciência social poderá ser reflexo de uma nova ordem social.

A reprodução ou transformação da base econômica reproduzirá ou transformará as formas jurídicas, religiosas, artísticas ou filosóficas correspondentes a superestrutura da sociedade. É na organização da produção que se encontram e se dinamizam as relações sociais e os determinantes do poder político e da hierarquia social. Na luta entre a burguesia e o proletariado, os primeiros ao controlar e acumular capital desenvolve a sua imagem, a sociedade civil, condicionado a formação cultural e a moral social. A consciência de

ambos é formada através das relações de produção condicionando também o modo de vida e o desenvolvimento social do indivíduo, ou seja, o pensamento, a formação de ser e agir da classe dominante.

Acreditando na dialética marxista enquanto um diferencial na história da educação brasileira, Geraldo Antonio da Rosa, nos apresenta nesta obra, uma discussão que vai ao encontro dessa perspectiva de reconstrução da história regional, não pela linearidade dos fatos, mas pela contradição e luta dos excluídos do modo de produção capitalista. Uma história marcada pelo conflito na região do Contestado em Santa Catarina.

O livro possui quatro capítulos tendo já no primeiro uma apresentação da história do Contestado a partir da ótica de um movimento social. No segundo, o autor traz um panorama histórico da Guerra do Contestado. Na sequência aprofunda essa discussão e por último nos traz uma abordagem da história oficial do Contestado contada pelos currículos escolares.

Nada mais me resta a não ser desejar ao leitor um estudo profícuo sobre o conteúdo desse livro. Aproveito para parabenizar o autor pelo trabalho de relevância na área de História Regional e pela coragem em realizar uma investigação com a preocupação de mostrar o que não foi escrito pelos dirigentes e dominantes, fugindo a perspectiva linear de estudo, tão comum nesta primeira década de século XXI. Trabalhar com a categoria contradição na contramão do capital não é nada fácil principalmente nos dias de hoje onde há uma supervalorização desse tipo de pesquisa na maioria das IES brasileiras. Desde o início percebe-se a preocupação de Geraldo Rosa em escrever um texto que vá para além do relato e da descrição. Parabéns Professor Geraldo!

Maria de Lourdes Pinto de Almeida

Referência

SHAFF, Adam (1994). *Historia e verdade*. São Paulo: Martins Fontes.

APRESENTAÇÃO

A presente obra pretende analisar o movimento social do Contestado, com ênfase nos seus desdobramentos na atual situação educacional da região de Curitiba. Em outras palavras, a pesquisa focaliza o estudo das consequências advindas, para a educação, por o acontecimento conhecido como Guerra do Contestado. Tendo como ponto de partida a atual situação da região, a análise irá também ao passado, para investigar as condições e os mecanismos envolvidos no referido processo sócio-histórico. A perspectiva é que o aprofundamento do estudo da região no período pós-massacre possa oferecer elementos tanto para uma melhor compreensão dos acontecimentos conhecidos como Guerra do Contestado quanto para a discussão e a proposição de alternativas para a região.

O movimento social do Contestado, que leva o nome de Guerra do Contestado, foi um dos maiores conflitos sociais rurais no Brasil. Esse conflito teve lugar no Estado de Santa Catarina, no período de 1912 a 1916, e deu origem a uma região hoje conhecida como Região do Contestado que, em termos do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), é considerada uma das regiões mais

pobres de todo do Estado. Muitas podem ser as causas dessa situação, dentre as quais se pode citar:

- o isolamento do sertanejo em relação ao litoral do Estado e a ausência de políticas públicas para o interior;
- o sistema de compadrio e o coronelismo ainda reinantes na região;
- o messianismo como substrato para o sertanejo frente à ausência da Igreja oficial na região;
- o poder e a violência do capitalismo internacional, que atuou através da construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul.

Nas últimas décadas muitas foram as pesquisas sobre o Contestado, o que evidencia o interesse pela região. Poucas delas, no entanto, foram produzidas por historiadores ou tiveram caráter acadêmico-científico.

Quando se fala em produção científica, inclusive sobre temas do folclore, evidencia-se, por um lado, que parte dos trabalhos inserem-se dentro dos parâmetros da historiografia positivista, destacando fatos, enaltecendo heróis, enfim, sempre na perspectiva dos dominadores. Por um lado, é farta a produção que enaltece o papel do Estado na perspectiva da história oficial e que também defende o poder do capitalismo internacional. Essa concepção histórica assume, ao mesmo tempo, uma postura conformista, mantida pelo discurso político e a ação pastoral da Igreja e voltada para a manutenção do *status quo*. Por outro lado, o homem do Contestado, o caboclo, é definido pejorativamente como fanático, jagunço, enfim, como lixo da sociedade.

Existem questões a respeito do Contestado que ou não foram ainda levantadas ou não foram suficientemente exploradas. Um dos aspectos a ser esclarecido refere-se à estrutura da economia da região, à caracterização da estrutura fundiária ao tempo dos acontecimentos do Contestado, com destaque para o modo de apropriação das terras

e para os mecanismos envolvidos no povoamento do planalto catarinense. É também necessário recolocar a questão sobre quem era o homem da região conflagrada e sobre as razões que levaram o camponês da região a ser rotulado de *jagunço*. Estas são algumas das perguntas que me estimularam a engajar-me na pesquisa e na produção deste livro.

O obra, fruto da pesquisa de tese de doutorado, nasceu da angústia humana frente ao real e da esperança de ver a sociedade do Contestado liberta das amarras sociais, políticas e econômicas que a mantêm ainda prisioneira. Após dez anos de atividades profissionais na área educacional no Estado de Mato Grosso, retornei a Santa Catarina e reiniciei minhas atividades docentes em Curitiba. Um dos impactos que tive foi a constatação do preconceito racial dos alunos, o seu baixo nível de formação sociopolítica e a falta de politização da população em geral. Percebi também que a região estava voltada à manutenção da ordem segundo os interesses dos grupos dominantes, com poucas mudanças, contrastando com outras regiões do Brasil onde havia maiores avanços. Observei que o discurso religioso carecia de um teor de libertação, pois as Igrejas, de modo geral, estavam comprometidas com a manutenção dos grupos no poder dentro de um discurso sem o efetivo compromisso com as transformações sociais. No plano político, causaram perplexidade a excessiva centralização do poder e a sobrevivência, até hoje, dos coronéis, com práticas nepotistas e clientelistas.

Chamou minha atenção também o setor educacional que se encontrava vinculado aos interesses dos dominantes. Além disso, a população, cujos componentes descendiam do Contestado, vivenciava a cultura do medo e do silêncio, o que era confirmado por alguns adágios populares que permeavam o cotidiano do povo: “Manda quem pode, obedece quem precisa” e “[Em] Boca calada não entra mosca”.

Frente a esta realidade nasceu o meu interesse em tentar fazer uma releitura da história oficial, ou seja, analisar o movimento social do Contestado dentro de uma nova ótica.

A denominação Contestado está relacionada à região em que, entre os anos de 1912 à 1916, ocorreu um dos maiores movimentos sociais rurais do Brasil, conhecido historicamente como Guerra do Contestado. Esta região foi alvo de disputas por questões de limites, cabendo ressaltar a Questão de Palmas, que foi uma disputa internacional entre o Brasil e a Argentina, referente aos limites de terras ao Oeste de Santa Catarina. Esta celeuma referente à questão de terras, que ocorreu em fins do século XIX, foi resolvida através do arbitramento dos Estados Unidos que deu o ganho das terras em litígio ao Brasil.

Também no final do século XIX, após a criação da Província do Paraná na metade do século em questão, novamente esta região torna-se palco de disputa de limites entre os Estados de Santa Catarina e do Paraná. Hoje há consenso de que este conflito não influenciou diretamente na eclosão da Guerra do Contestado. Ele acabou sendo resolvido no Supremo Tribunal Federal através da Ação originária n.º 07, em 1916.

O Contestado semelhante aos diversos episódios de nossa história, caracteriza-se como um movimento social de grande envergadura, sendo relegado historicamente a um segundo plano, como tem sido a maioria dos movimentos sociais. Entretanto, compete analisá-lo procurando estabelecer relações quanto ao seu caráter educativo. Cabe questionar em que medida historicamente ocorreu a ingerência das classes dominantes na educação social da população. Por educação social entendem-se os mecanismos formais e informais, os currículos abertos e ocultos que proporcionaram a educação do povo, ou seja, todas as oportunidades educativas que possibilitaram que a população seja hoje o que realmente é. Ressalte-se que, na atualidade, é palpável a influência dos grupos de poder nos diversos aspectos da vida da população e de modo especial no setor educacional. Estruturalmente, a partir da perspectiva capitalista, pela ausência de políticas educacionais, a região sofre as consequências da carência de mão de obra especializada para um efetivo desenvolvimento sustentável. É de fundamental importância salientar que a estrutura-

ção de uma sociedade não se faz de modo ocasional, mas parte de estratégias e políticas intencionalmente planejadas e implementadas. A educação encontra-se permeada pelos interesses do capital que impõe a formação de indivíduos passivos, disciplinados e obedientes.

Essa lógica capitalista foi estruturada a partir do processo de colonização do Brasil. O planalto catarinense não foge a esta situação. A forma de seu povoamento e colonização deixou profundas marcas de exploração e de exclusão social. Na atualidade observa-se um comportamento extremamente apático de grande parte de sua população. Faz parte da educação social deste povo o adágio popular institucionalizado: “Manda quem pode, obedece quem precisa”. Esta situação é fruto de um sistema extremamente opressor.

A partir dessas considerações pode-se entender como determinadas afirmações escamoteiam o processo de dominação dos grupos dominantes. Essa situação torna-se de certa forma uma venda nos olhos, a qual proporciona a grande parte do contingente populacional fazer reflexões de cunho determinista. Assim, a crença, passada pelos dominantes para o ideário popular, de que a pobreza é fruto da incompetência das classes menos abastadas.

O Contestado, a exemplo de outros movimentos sociais, tem, dentro da complexidade de suas causas, a disputa de terra. No início do século XX houve violento conflito de terras, que envolveu pobres, negros, mestiços e indígenas, numa área de 50.000 Km², região disputada pelas províncias do Paraná e de Santa Catarina.

Em 1908, uma companhia norte americana, a *Brazil Railway Company*, que construiu a estrada de ferro São Paulo – Rio Grande, recebeu do Governo Federal, como parte do pagamento desta obra, terras em uma faixa de quinze quilômetros de cada lado da ferrovia. Essa empresa deveria colonizar a área com imigrantes, mas o seu principal interesse era a exploração da floresta nativa, rica em pinheiros e imbuías.

A população que morava nessas terras, como posseira, foi expulsa, indo se unir aos trabalhadores da estrada de ferro, que haviam sido recrutados nas grandes cidades através de promessas

tentadoras, mas que, após o término da construção da obra, foram jogados a uma situação de completo abandono. Como decorrência desse contexto foram arruinados os pequenos madeireiros, uma vez que estes não podiam competir com a empresa estadunidense instalada na região do Contestado. Ressalte-se que a empresa construtora da ferrovia instalou uma empresa para a exploração madeireira, a mais moderna serraria da América Latina, que exportava a madeira para os Estados Unidos e Europa. Essa serraria serrava diariamente 300 m³ de madeira, ao passo que, na atualidade, em Curitibanos, a empresa que mais produz chega a uma produção diária de 90 m³ de madeira serrada.

Como já foi dito, o nome Contestado advém da disputa de limites entre os Estados de Santa Catarina e do Paraná. A área disputada era rica em erva-mate, araucária, pastos nativos e madeira de lei. Viviam no território disputado cerca de vinte mil sertanejos que se dedicavam ao extrativismo de erva-mate, à agricultura de subsistência e à pequena criação de animais.

As alterações estruturais que aconteceram na região originaram uma série de descontentamentos, exclusões, embates, rebeldias e lutas. Foi uma época de grande efervescência, sendo ao mesmo tempo rica e conflituosa, geradora de crises duradouras e de grandes transformações. Foi um período caracterizado pela expropriação da terra e o aumento do poder de determinados segmentos. O sertanejo excluído e expropriado economicamente, abandonado ou manipulado politicamente, buscou no elemento religioso a sua sustentação ideológica.

Nesse contexto é importante serem destacadas as influências messiânicas que a região vinha sofrendo desde o período da Revolução Farroupilha. Historicamente, dentro da ótica do messianismo, pode-se destacar a presença de três monges que atuaram em momentos históricos distintos: João Maria de Agostini, durante a Revolução Farroupilha; João Maria de Jesus, o qual passou pela região no período da Revolução Federalista; e José Maria, intimamente ligado ao movimento social do Contestado.

O Planalto de Lages e o território do Meio Oeste de Santa Catarina são atingidos por uma convulsão social armada que aniquila a convivência entre os diferentes grupos humanos e desmonta a vida econômica de toda a região.

Juntamente com a revolta em Canudos, a Guerra do Contestado foi um dos conflitos sociais mais sangrentos ocorridos no Brasil. Consistiu no choque entre militares e camponeses sem terra estabelecidos na região do Contestado, situada a Oeste de Santa Catarina.

Esta luta armada entre os sertanejos e tropas do exército na região do Contestado teve relação apenas circunstancial com a questão de limites entre Santa Catarina e o Paraná. De fato, o litígio que deveria ser encerrado com o pronunciamento no Supremo Tribunal (1906), continuou a ser agitado, chegando ao ponto de os políticos paranaenses proporem a criação do Estado das Missões.

Havia tempo aquela região era frequentada por “beatos” que se ocupavam da vida religiosa junto ao povo. Este arrebanhamento de camponeses fiéis concentrou-se em Taquaruçu, desagradando aos coronéis locais, que logo trataram de expulsá-los.

O movimento foi liquidado em fins de 1915, após quatro anos de intensa luta. Pela primeira vez, o governo brasileiro utilizou aviões de bombardeio para o reconhecimento da região. Os remanescentes refugiaram-se no Vale do Rio Santa Maria, onde foram esmagados por seis mil soldados do exército e da polícia dos dois Estados.

A violência e a crueldade foram marcas da ação das forças governamentais: casas foram incendiadas, pessoas mortas, inclusive mulheres e crianças. A Guerra do Contestado ainda não foi totalmente elucidada. Há ainda muito a ser pesquisado, muito a ser descoberto.

A atenção foi centrada no período pós-massacre. Quanto à pesquisa bibliográfica, este livro contempla uma ampla gama de obras e de concepções diferenciadas sobre o movimento social do Contestado. Algumas pontuam a visão oficial, enaltecendo o Estado, a Igreja, os militares e os fazendeiros. Estas obras tentam justificar o movimento e argumentam em favor da eliminação do camponês

concebido como rebelde, fanático e jagunço. Outras obras destacam o movimento social do Contestado buscando mostrar a bravura dos camponeses, com uma tendência utópica de divinização do movimento. No que se refere à produção bibliográfica, ressaltam-se produções de grande envergadura como os trabalhos de Delmir Valentini, Nilson Tomé, Paulo Pinheiro Machado, Duglas Teixeira Monteiro, Laís Mourão e Maurício Vinhas de Queiroz, entre outros.

A pesquisa utiliza a técnica documental efetuada pesquisa em documentos do acervo de documentos, até o momento não pesquisados, que se encontram chaveados numa das salas do Museu Histórico Antônio Granemann, em Curitiba. Até o momento da pesquisa, esta sala não havia sido disponibilizada seja à visitação pública seja ao manuseio de parte de pesquisadores. Neste local, encontram-se documentos oficiais remanescentes da queima de Curitiba em 1914. Além dos documentos mencionados, estão disponíveis anotações da falecida escritora curitibanense Zélia de Andrade Lemos, autora do livro *Curitibanos na Guerra do Contestado*.

No que se refere à pesquisa de campo, foram entrevistadas duas personagens envolvidas em projeto de resgate histórico do Contestado, nos anos de 80, no Estado de Santa Catarina. O critério de escolha dos entrevistados encontra-se ligado à importância histórica dessas personagens na implantação do projeto de resgate histórico do Contestado.

Foram entrevistados 11 acadêmicos calouros, e foi aplicado um questionário com questões abertas a uma turma de alunos da Universidade do Contestado, com ingresso no ano letivo de 2007, matriculados na 1ª fase dos cursos de graduação e questionário a primeira turma que teria a cadeira de História do Contestado.

Quanto aos calouros a quem foi aplicado um questionário, utilizou-se como critério a primeira turma que teria a cadeira História do Contestado na Universidade do Contestado – Campus de Curitiba, no ano letivo de 2007. A turma era formada por 27 acadêmicos regularmente matriculados na primeira fase de um dos Cursos de graduação da Universidade do Contestado. Ressalta-se que a disci-

plina é ministrada como componente do núcleo comum em todos os cursos de graduação.

Esta obra está estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo trabalha com algumas categorias conceituais, visando o aporte teórico. Trata-se da categoria movimentos sociais, das acepções de cidadania e dos movimentos sociais como forma de cidadania coletiva, aplicando tais conceitos ao estudo do Contestado. Passa-se então a analisar as relações existentes entre os movimentos sociais e o processo educativo deles decorrente, buscando-se ter presente o contexto sócio-histórico capitalista em que tais movimentos ocorrem. No modo de produção capitalista, dominante na nossa realidade, existem movimentos que têm propostas voltadas à consecução de avanços sociais. Por outro lado, há as facções conservadoras que tentam articular-se na perspectiva de manutenção do *status quo*. Busca-se compreender as relações entre as imposições do sistema capitalista e o processo educacional, destacando o papel dos movimentos que lutam pela transformação do sistema. Observa-se que a história oficial é tendenciosa e não se produz a partir dos movimentos sociais. Ideologicamente, esta história procura ocultar os acontecimentos reais que deixaram profundas cicatrizes no homem do Contestado.

Uma categoria que serve de fundamento teórico é a do messianismo, presente na grande maioria dos movimentos sociais e, porque não dizer, no Contestado. O messianismo é enfocado à luz das ciências humanas, sendo estabelecida relação entre os monges que passaram pela região na metade e final do século XIX e no início do século XX.

Outro aspecto abordado neste capítulo é o catolicismo erudito, implantado na Brasil e na região, bem como a romanização decorrente deste processo. Ao lado de uma Igreja romanizada florescia, a partir do cotidiano do caboclo, um catolicismo rústico, ou seja, teologicamente ligado ao cotidiano do caboclo. É também enfocado o papel pedagógico do messianismo na região do Contestado.

Em ligação com o conceito de messianismo, aborda-se também o conceito Weberiano de carisma, enfocando-se sua origem, reconhecimento e rejeição, além de sua relação com a disciplina. Sempre a partir de Weber, analisa-se também o carisma na perspectiva de sua legitimação e de sua relação com o processo de dominação.

A categoria “camponês” também é analisada dentro do espaço Contestado. Busca-se suporte teórico no estudo da evolução histórica dos camponeses e de suas lutas, até chegar à expansão do capitalismo internacional e à Lei das Terras no Brasil.

Por fim, este capítulo é encerrado com a discussão das categorias Teologia da Libertação e Educação Libertadora. Enfocou-se o pioneirismo histórico no Brasil da Teologia da Libertação, bem como seus pressupostos teóricos. Neste contexto, é dado destaque à Educação Libertadora, no sentido de superação de uma pedagogia que se encontra a serviço das classes dominantes e de construção de uma educação que traga em sua essência a problematização e a ação dialógica.

O segundo capítulo apresenta o resgate histórico da Guerra do Contestado. Sua estrutura teve como fonte inspiradora a obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, um dos grandes clássicos da literatura brasileira, organizada em torno de três temas: a terra, o homem e a guerra. Buscou-se transcender o determinismo geográfico, analisando as características físicas da região onde ocorreu o movimento social do Contestado. O capítulo trabalha a contextualização geográfica, fauna e flora, bem como aborda as questões geopolíticas do Estado de Santa Catarina. Outro aspecto tratado refere-se ao próprio homem do Contestado. Como ponto de partida desta análise, são salientados os primitivos habitantes e o povoamento do planalto catarinense. Para a caracterização do homem do Contestado considerou-se de fundamental importância tecer considerações sobre a estrutura social ali produzida desde o povoamento até os nossos dias. Dá-se também importância, neste capítulo, à análise dos mecanismos e da força do capitalismo internacional a partir da construção da ferrovia na região do Contestado que objetivava ligar São Paulo ao

Rio Grande do Sul. Analisa-se também a questão do messianismo e do conflito social no Contestado, mostrando as figuras messiânicas que deixaram profundas marcas na religiosidade da região. O capítulo é finalizado com a análise da Guerra do Contestado, com destaque para a dispersão dos fiéis após a morte de José Maria, em Irani, e a crença na sua ressurreição. Por fim, descreve-se a situação da cidade Santa de Taquaruçu após a morte de José Maria até a destruição desse reduto durante a Guerra do Contestado...

O terceiro capítulo desta investigação parte do que se denominou *O sumiço da placa*. Isto é, parte-se o desaparecimento de placas afixadas em um monumento histórico em Curitiba, para, então, analisar a educação instituída na região até o presente momento. Enfoca a história oficial, bem como a concepção histórica presente na história regional, de modo especial no que se relaciona ao tema Contestado. Destaca-se que as placas foram vistas como um atentado à história oficial, refletindo o sumiço das mesmas a desaprovação dos poderes locais ao projeto de resgate da memória histórica do Contestado. Finalmente, analisam-se as entrevistas concedidas pelas personagens principais do Projeto de Resgate Histórico do Contestado no Estado de Santa Catarina. Nesse capítulo pretendeu-se mostrar a educação do povo da região, colocando em destaque os mecanismos de dominação que se tornam um legado de geração para geração.

No quarto e último capítulo aborda-se a questão da presença do tema do *Contestado nos currículos escolares*. O capítulo inicia com o exame das diferentes concepções de currículo e suas consequências no cotidiano escolar. O capítulo aborda também o currículo e a educação no movimento do Contestado, uma vez que os movimentos sociais têm uma pedagogia, ou seja, têm objetivos e processos educativos.

Quanto aos currículos escolares, foram investigados alunos que haviam frequentado a educação básica em Curitiba e região, e que, ao tempo de pesquisa, estavam na Universidade. A pesquisa buscou descobrir o conhecimento que lhes for oportunizado e as

concepções que interiorizaram sobre o Contestado ao longo de suas vidas estudantis no ensino fundamental e médio. O grupo estudado é constituído por acadêmicos que ingressaram na Universidade do Contestado no ano letivo de 2007 através de vestibular ou de processo seletivo. Foram também entrevistados professores da rede pública sobre a presença do tema do Contestado nos currículos escolares, envolvendo plano de ensino, espaço e concepção assumida no cotidiano das escolas.